

emergir um sentido para a história dos povos estudados, preenchendo as lacunas deixadas pelas fontes setecentistas.

É justo destacar a importância de uma obra deste gênero, não só para a etnologia como para o resgate de uma história de dignidade e tradição, que tem sido esquecida pelos que escrevem a História.

Lizot, Jacques. *O círculo dos fogos: feitos e ditos dos índios Yanomami* (tradução Beatriz Perrone Moysés). São Paulo, Martins Fontes, 1988, 231 páginas.

Marisa de Fatima Paulavicius  
Aluno de Grad. do Curso de Ciências Sociais /USP

Jacques Lizot escreveu este livro em plena floresta, entre os Yanomami do sul da Venezuela. Num estilo quase literário e através da vida cotidiana, o autor nos revela como vivem e morrem; como fazem as alianças, a guerra e o amor; como concebem o sobrenatural e os poderes mágicos.

Articulando discursos, narrativas, mitos e acontecimentos do dia-a-dia, o autor nos apresenta uma idéia do que é ser um Yanomami, bem como possibilita uma compreensão da cultura desta sociedade. Jacques Lizot pretende não só perceber como os Yanomami agem diante de um acontecimento, mas também a interpretação que fazem deste.

O livro é constituído essencialmente de três partes, cada uma das quais consistindo em um recorte temático: a) o dia-a-dia na grande casa: um estudo mais aprofundado do cotidiano, do universo feminino, da vida doméstica, familiar e das histórias de amor; b) os poderes mágicos: uma análise do simbolismo e da magia, cujo objetivo é compreender o que o sistema simbólico nos diz a respeito da sociedade que o produziu; c) a guerra e as alianças: uma busca de compreensão da lógica da guerra e do sistema de alianças.

Antes de mais nada, o autor procura entender o sentido da palavra Yanomami como uma autodenominação desse grupo étnico. O etnocentrismo é uma característica comum a todas as sociedades – para se perpetuar no tempo e manter a lógica interna, uma sociedade precisa se autovalorizar e construir uma identidade própria. No caso dos Yanomami, tudo o que não pertence ao seu próprio mundo sócio-cultural é "estrangeiro", "outro", *nabë*. Os *nabë* – os brancos, os outros índios etc. – são todos confundidos numa mesma categoria; o estrangeiro é o inimigo em potencial. Yanomami, nesse sentido, quer dizer "homem": a própria etnia é o ponto central do universo humano, a humanidade por excelência. As palavras Yanomami e *nabë* ao mesmo tempo se complementam e se opõem.

Os Yanomami vivem em pequenos grupos itinerantes, que a cada etapa constroem uma grande casa – chamam-na *shabono*. A casa é um grande toldo circular, feito de madeira e folhas, embaixo do qual dispõem-se todas as famílias. No centro, há uma grande área a céu aberto – o círculo dos fogos. As plantações cercam a casa e, mais além, há uma densa floresta.

No primeiro capítulo do livro, Jacques Lizot refere-se a vários fragmentos – acontecimentos – justapostos, um aludindo ao outro, e procura estabelecer possíveis ligações entre eles. Essas associações não são especificamente expressas e, algumas vezes, são apenas sugeridas no decorrer do texto. O autor nos mostra, através de sua descrição etnográfica, que a relação que há entre os vários fragmentos é uma relação de dissociação, isto é, uma diferenciação e separação bem definidas das esferas da vida – do dever, do rito e da vida cotidiana.

Os Yanomami procuram diferenciar e separar as esferas da vida social, ordenando assim o próprio comportamento perante as situações. Mas isto não sugere que o comportamento dos Yanomami seja orientado apenas prescritivamente (o que não nega o fato de os Yanomami repensarem criativamente seus esquemas culturais convencionais). Os esquemas interpretativos de uma dada sociedade não podem garantir que os sujeitos, motivados por interesses e experiências sociais diversas, utilizem as categorias existentes de maneira prescritiva, isto é, os comportamentos dos sujeitos derivando de normas preexistentes. A forma cultural pode ser produzida ao contrário: a ação criando a relação adequada.

No que se refere ao plano amoroso, tudo parece ser dito abertamente. Desde a infância, a sexualidade dos Yanomami não é reprimida, contanto que se mantenha discreta e confinada.

É comum a prática homossexual entre os meninos de todas as idades, freqüentemente entre cunhados, pois em geral são unidos por uma amizade e afeição recíprocas. A prática homossexual entre irmãos, apesar de não muito freqüente, não é excepcional. Entretanto, a prática homossexual entre cunhados difere daquela entre irmãos. No primeiro caso, um sentimento mútuo de amizade une dois rapazes que trocam mulheres (a sociedade impõe e pressupõe a troca de mulheres) e bens materiais entre si. A relação homossexual com o cunhado precede uma relação, desta vez heterossexual, que terá com a irmã dele. No segundo caso, a relação é circunstancial e ocorre entre desiguais: num grupo de irmãos e primos paralelos, os mais velhos têm autoridade sobre os mais novos.

A raridade de esposas potenciais sempre foi um problema para os meninos da aldeia (existem aproximadamente oito mulheres para cada dez homens). Para conseguir uma mulher e casar-se com ela não lhes restam outras alternativas a não ser cometer incesto, ou cumprir numa comunidade estrangeira os serviços pré-matrimoniais que devem aos sogros ou, ainda, tornar-se um co-esposo. Nesse sentido, o segundo capítulo traz relatos de histórias de amor, as aventuras dos adolescentes, um caso de incesto e um de adultério.

No terceiro capítulo, o autor analisa o universo feminino, descrevendo a vida familiar, a relação mãe/filho, a importância das mulheres na esfera doméstica e econômica, o

parto e os ritos da primeira menstruação. As mulheres, apesar de sofrerem a preponderância masculina, têm seus lugares protegidos. Formam grupos de solidariedade, dirigidos por anciãs que as guiam na coleta de alimentos. Apesar das questões políticas não serem assunto de mulheres, as anciãs Yanomami sexualmente inativas desempenham um papel na vida política, pois possuem experiência e são boas conselheiras.

O quarto, quinto e sexto capítulos referem-se aos poderes mágicos: práticas xamanísticas, o ritual de iniciação de um xamã, os feitiços e a pequena magia da vida cotidiana. A magia, mesmo quando praticada por indivíduos, nunca é criação de um homem só: ela é sempre produto de crenças coletivas e só ganha sentido em relação a uma dada cultura. Um aspecto dos poderes mágicos a ressaltar é a distinção entre a pequena magia e a ação dos xamãs.

A pequena magia da vida cotidiana geralmente não tem por objetivo causar a morte, mas pode atingir a integridade física da pessoa a quem se destina o encantamento. Este tipo de magia não está associado a um estado de guerra e pode ocorrer no seio de uma comunidade ou entre comunidades aliadas. Para que uma pessoa empregue contra a outra um encantamento maléfico basta que sinta em relação a ela um vago sentimento de ciúme, inveja ou hostilidade. Variadas substâncias são utilizadas, mas um "desejo" projetado de um sentimento é suficiente.

A ação dos xamãs difere totalmente, pois operam em outros níveis e com outros objetivos. Eles lutam uns contra os outros sem tréguas, causando males de todos os tipos graças ao poder que têm sobre os espíritos e sobre as forças sobrenaturais. Os xamãs são encarregados de defender a comunidade à qual pertencem, vingando os malefícios recebidos. A reputação do xamã vai muito além do sucesso na cura dos doentes: um xamã torna-se temido e famoso por destruições e mortes provocadas por poderes mágicos. No entanto, a ação do xamã é circunscrita pelos ritos e representações sancionados pela tradição e consenso social.

Os últimos capítulos são destinados à compreensão da lógica da guerra e das alianças. Os homens lutam, em primeiro lugar, porque competem pela posse das mulheres. A feitiçaria é o segundo motivo das guerras. Quando uma comunidade suspeita que a outra provocou a morte de um de seus membros, a vingança é uma obrigação. Começa dessa maneira o ciclo das expedições guerreiras, já que cada morte, e em qualquer um dos lados, exige outra.

Os Yanomami fazem pactos políticos com algumas comunidades vizinhas, jurando amizade e aliança: os inimigos de uma comunidade tornam-se também inimigos da outra. O pacto, geralmente, é selado com uma cerimônia ritual. No entanto, não há aliança sem troca – aceitar uma aliança política significa aceitar implicitamente um ciclo de trocas econômicas, matrimoniais etc. A aliança, dessa maneira, obriga à reciprocidade e as trocas efetuadas não são dotadas apenas de significação econômica, mas também moral, social, mágica, política etc.

Algumas características do sistema político Yanomami, que serão brevemente analisadas a seguir, são deduzidas a partir da descrição etnográfica, pois esse aspecto da vida

social dos Yanomami está disperso no decorrer da obra. Podemos perceber que o sistema político Yanomami é baseado na oposição entre facções e que as relações entre o sistema de parentesco e facções são estreitas. No entanto, muitas vezes a filiação a uma facção pode ocorrer de acordo com os arranjos e contextos políticos. A vida política Yanomami é dotada de uma dinâmica ora dada pelo parentesco, ora dada pelos arranjos políticos. Todo jogo político no interior dessas sociedades é um equilíbrio frágil e sutil entre os grupos de linhagens, as facções e a estratégia pessoal dos líderes.

O livro sugere – graças ao estilo de redação adotado por Jacques Lizot – reflexões sobre a presença do autor no texto etnográfico, questão que remete à problemática da produção do texto etnográfico, tema que ocupa posição central na reflexão antropológica atual.

Em *O círculo dos fogos*, Jacques Lizot não fornece uma forma direta de análise, o que sugere ao leitor fazer a sua própria interpretação dos dados etnográficos descritos. Mas este "desaparecimento" do autor é apenas relativo, pois o antropólogo seleciona diálogos, acontecimentos, temas e, ao escrever, introduz capítulos etc. O autor pretende diluir-se no texto – o que não quer dizer que ele se limite apenas a transcrever diálogos –, minimizando a sua presença para também dar espaço à voz e às interpretações dos Yanomami. Isto se refere a uma maneira de abordar uma cultura bastante sugestiva, já que se constitui em incorporar ao texto etnográfico tanto o pensamento do autor quanto o dos próprios Yanomami.

O que também desperta a atenção, durante a leitura, é o fato de as pessoas não serem descritas como indivíduos típicos ou representantes de posições gerais: os "personagens" Yanomami são claramente individualizados e distinguidos por seus nomes pessoais.

Um dos grandes méritos da obra de Jacques Lizot está em despertar a curiosidade a respeito do que vem a ser a cultura Yanomami, sem entretanto fornecer a interpretação, mas propondo uma interpretação entre outras possíveis. Além disso, dá ao leitor uma oportunidade de reflexão, tornando a leitura do livro muito estimulante.

Thomas, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo, Cia. das Letras, 1989, 454 páginas.

Grupo PET  
Alunos de Grad. do Curso de Ciências Sociais/USP

Em linhas gerais, poderíamos dizer que o objetivo de Keith Thomas ao escrever *O homem e o mundo natural* foi o de mapear as mudanças de valor e atitudes dos homens em